

A SUPERPOPULAÇÃO DA TERRA E SUAS PERSPECTIVAS

CASTRO BARRETO

A população miserável e subnutrida cresce espantosamente, numa razão muito mais elevada do que o resto, que dispõe de alimento. Como, o Brasil, deve encarar o problema vendo nossa taxa de crescimento demográfico de 1.500.000 anualmente?

Inaugurando a Conferência Mundial da População realizada em Roma, em 1954, o Prof. Hersch Liebmann dedicou estas palavras ao maior dos problemas atuais da humanidade, do qual decorrem fundamentalmente tôdas as dificuldades, tôda a inquietação e todos os atritos perturbadores da paz entre os povos: "O grande problema que preocupa os espíritos, especialmente dos demógrafos, sociólogos e estadistas, não somente no Ocidente e talvez ainda mais no Oriente e no Extremo Oriente, é o crescimento extraordinariamente rápido da população dos países economicamente subdesenvolvidos, particularmente dos países asiáticos".

Os dois bilhões e setecentos milhões de habitantes do planêta, atualmente, aumentam de 80 mil por dia ou cêrca de 29 milhões por ano. Entre 1900 e 1950, a população mundial aumentou de 850 milhões e o ritmo dêsse crescimento tende a acelerar-se, esperando-se para 1980 mais 1 bilhão 174 milhões, isto é mais 324 milhões neste curto período. Só a Índia contribui com 5 milhões anualmente, para êsse crescimento. As previsões para o ano 2000, no ritmo atual, dão mais 1 bilhão, o que

vale dizer, dentro de 44 anos teremos 3.700 milhões de habitantes. "Dentro de 2.000 anos, diz o eminente geógrafo Dudley Stamp, um curto período, sem dúvida, se o compararmos com a história da Terra, haverá apenas lugares em pé". E essa miserável população subnutrida do mundo cresce espantosa e paradoxalmente numa razão muito mais elevada do que o resto da população mundial que dispõe de muito mais alimento. O crescimento da população mundial depois da Grande Guerra foi de 38,6%, enquanto entre as populações subnutridas foi de 59,5%. É êste, sem dúvida, o maior problema da humanidade, para todos os que pensam no futuro, visto que êsse crescimento demográfico é progressivo.

O grau de fertilidade dos povos encontra-se quase sempre na razão direta do seu atraso, do seu baixo nível sócio-econômico, concorrendo para essa inconseqüente fertilidade, fatores ecológicos e culturais e especialmente religiosos.

A êsse crescimento progressivo associa-se, no presente, um extraordinário desenvolvimento dos povos que, assimilando as conquistas do Ocidente, escapam de um letargo milenar e enveredam pela

civilização industrial com todo o acervo de conquistas científicas e técnicas a ela pertinentes. De uma existência fatalista, contemplativa, religiosa e imprevidente que tem como consequência uma elevadíssima fertilidade humana compensadora, com largueza, das taxas altas de letalidade, passam a assimilar os conhecimentos e as suas aplicações e igualmente começam a sentir a sua desgraçada pressão demográfica e o seu miserável nível de vida. Países há, como a Indonésia, onde a ecologia, a riqueza dos solos, suaviza os males da superprodução, ao menos no que tange à nutrição: Java, com os seus 400 habitantes por km², é um exemplo disto. Mas há povos operosos e cultos como o japonês, vivendo sobre ilhas vulcânicas, com os seus 90 milhões, que se vêem a braços com a fome crônica e, mesmo apelando para uma economia industrial de transformação, importando matérias-primas, não encontra solução para esse terrível problema se não no sonho imperial, na guerra de conquista ou na restrição da natalidade. Um excelente estudo de Chikao Honda, dá-nos conta do esforço titânico da admirável industrialização do povo japonês para manter em equilíbrio a produção. O extraordinário desenvolvimento industrial do Japão não se estendeu à agricultura, que continua sem mecanização. A agricultura da sua restrita área utilizável é manual. Uma tremenda urbanização da população nipônica se processa em sentido crescente e não há terra a cultivar que já não esteja cultivada.

Quando a convite de Mac Arthur para estudar o problema da população japonesa, escreveu Thompson: "Não vejo justiça na manutenção de terras não utilizadas pelo poder colonial; mas mesmo do ponto de vista das políticas nacionais, no meu modo de ver, não há possibilidade material de evitar-se que os povos do mundo sob pressão demográfica venham a tomar essas terras mais cedo ou mais tarde".

Como fôsse a Europa com o seu extraordinário desenvolvimen-

to nos séculos XVIII e XIX que apresentasse um fortíssimo crescimento demográfico resultante das conquistas científicas com as suas técnicas e suas expressões na produção, no enriquecimento, no domínio imperial, foi ali que os problemas de população começaram a ser estudados e relacionados. Mas o derrame da civilização ocidental através dos novos meios de comunicação, levando ao Oriente uma intensa aculturação e muitas dessas conquistas, levou igualmente a quase todos os povos a percepção da sua pobreza e até da própria pressão demográfica.

Foram porém as duas guerras mundiais que determinaram a rápida evolução desses povos retardados, proporcionando-lhes as técnicas e os armamentos, pondo sob seus olhos e nas suas mãos as possibilidades de se libertarem do colonialismo em que os mantiveram os europeus durante os últimos séculos. De fato, as posições da guerra fizeram passar às mãos dos chineses, indonésios e hindus, não somente as armas e os recursos científicos mas a exploração das suas riquezas naturais, das suas matérias-primas e até das indústrias pesadas, que são as bases do poder militar.

Um dos instrumentos mais difusores da ocidentalização foi o cinema, dando a impressão, nem sempre verdadeira, das maravilhas do Ocidente. Foi o que aconteceu na China, "onde ele tem a maior responsabilidade nas profundas modificações nas tradições dessa nação, do que todas as missões e todos os modos de penetração até aí empregados".

Uma nova e grande ameaça em perspectiva é a militarização intensiva do povo chinês, comentada deste modo por um escritor asiático: "Com o poder militar que a China Comunista está construindo com a ajuda da União Soviética contra a possível ou hipotética disputa que pode vir entre o Japão, apadrinhado pelos Estados Unidos, e a China, pela Rússia, o povo chinês

pode exigir algum alívio para os seus transbordantes milhões, nos países escassamente povoados como a Austrália, o Canadá e o Brasil. Quando tais exigências, sem respeito de sua lógica, podem ser reforçadas com exibição de força, qualquer concessão será feita ou o conflito internacional se dará".

A China, com a sua população crescendo com uma taxa anual de 2%, já atingindo 602 milhões (1953) ou seja um aumento anual de 10 a 12 milhões de habitantes, considera entretanto esse crescimento demográfico perfeitamente aceitável ao mesmo tempo que eleva a condição do seu povo com a nova orientação política unificando a nação, utilizando as riquezas naturais e evitando as fomes.

Entre 1881 e 1931, a população da Índia cresceu de 113 milhões ou seja numa ordem de grandeza de 10,6%; entre 1931 e 1941, aumentou de 56 milhões ou sejam 15%; na última década, de 1941 a 1951 o aumento foi de 43 milhões ou sejam 13,5%. Na situação atual, com a melhoria geral das condições, a tendência é para um percentual maior no crescimento. Conquanto o próprio Ghandi, venerado em quase toda a Índia, fosse a princípio contra qualquer restrição à natalidade, "nos últimos anos da sua vida reconheceu o grave problema demográfico do seu país e possuía fortes convicções sobre os meios de resolvê-lo".

O aumento da população e sua densidade nas regiões mais civilizadas é o fenômeno mais inquietante e a causa de todas as mediocridades e rebaixamentos diz Ortega y Gasset, ao exclamar: "Vosso número já é um crime". O que porém se poderá dizer dessa superpopulação nos países menos desenvolvidos do Oriente onde o crescimento demográfico inconstante leva o Presidente Nehru a exclamar: "Se a Índia tivesse metade da sua população atual, o seu nível de vida seria muito mais alto". Já foi dito que a densidade asiática é patológica.

Se o crescimento da população dos países subdesenvolvidos é de-

vido principalmente à fertilidade extrema que resulta da fecundação precoce, de fatores culturais, da própria miséria, apresentando taxas de natalidade que vencem a elevadíssima letalidade, nos países ocidentais o rápido crescimento da população resulta principalmente do melhor aproveitamento de vida, do admirável declínio da letalidade. A vitória da saúde pública sobre as doenças infecciosas, a melhor nutrição, a aplicação dos princípios higiênicos e as maravilhosas contribuições da terapêutica e da cirurgia concorreram não só para o aproveitamento máximo da unidade humana, como para a sua melhor saúde, capacidade de trabalho e alongamento da existência. Não somente os antibióticos e outros recursos, mas ainda os inseticidas, aumentando as possibilidades de vida, melhorando as colheitas, combatendo sevandijas e hematofagos transmissores de doenças, vêm concorrendo para o tremendo aumento que a humanidade atual apresenta, acrescentando diariamente mais de 80 mil indivíduos aos dois bilhões e setecentos milhões de habitantes atuais da Terra. Em Ceilão, o emprego do DDT elevou a fertilidade e baixou extraordinariamente a taxa de letalidade.

O declínio da letalidade no continente europeu neste século foi de 40%, mas para a letalidade infantil, nos países ocidentais, esse declínio foi de 50%. Na idade pré-escolar (1 a 4 anos) foi de 75%! Essas taxas referem-se a 13 países, com 203 milhões de habitantes. A taxa mínima de letalidade conservou-se entre 10 e 14 anos. idade em que, segundo a Curva de Lexis, quase toda a mortalidade pode ser evitável, visto que já foi vencida a mortalidade seletiva.

O fenômeno do vertiginoso crescimento demográfico, "o vulcão demográfico", encontra-se porém no Oriente, especialmente na Índia e na China, ou mesmo no Japão, onde, somando-se à extrema fertilidade desses povos, vêm os conhecimentos e as técnicas da cultura ocidental reduzindo notã-

velmente a letalidade infantil. Cumpre entretanto notar ainda a tendência demográfica da América Latina, que alia uma elevada fertilidade e um notável declínio da letalidade à contínua recepção de imigrantes de todo o Mundo, para o seu desenvolvimento. O crescimento nesta parte do Mundo é de 2,5% ao ano, representando 147% sobre o número 100, índice de 1938. Aqui, como alhures, "o progresso sanitário dá lugar a um progresso demográfico que por sua vez conduz a fortes progressos econômicos e transformações sociais".

Há, entretanto, a considerar que o crescimento de uma população impõe um crescimento pelo menos igual dos meios de subsistência, o que nem sempre acontece, não somente nos países subdesenvolvidos como em quase todas as populações de crescimento muito rápido. Há, além dessa incoincidência, um outro imperativo: é o que os economistas chamam de investimentos demográficos, ou seja, habitação, instrução pública, assistência, hospitais, instrumentos de trabalho etc., sob pena de o crescimento agravar a situação e conduzir ao rebaixamento do nível de vida de toda a população. Quando se fala de fome crônica de centenas de milhões de seres humanos, devemos pensar que além do que precisamos produzir para nutrir a população atual, devemos igualmente pensar no milhão e meio de bocas que temos de alimentar, com o acréscimo anual; alimentar e vestir e agasalhar e assistir e educar e tratar, em nosso país.

Residem principalmente nestes dois últimos fenômenos sócio-econômicos as grandes dificuldades criadas para quase todas as populações subdesenvolvidas e em intenso crescimento. Não somente a produção de alimentos não acompanha as necessidades da população, como nenhuma das suas grandes instâncias para o bem-estar e a saúde, são satisfeitas. Na relação entre a população e os recursos que ela pode utilizar, cumpre entretanto lembrar que a pri-

meira é uma grandeza ilimitada e os segundos são limitados. O ótimo de população se estabelece em relação à capacidade dessa utilização, à economia, constituindo portanto uma condição móvel e atual.

Embora estejamos bem distantes da situação das populações asiáticas, pela largueza do país, por suas possibilidades e sobretudo pela baixa densidade demográfica, mantendo uma taxa de crescimento superior a todas elas, encontramos-nos em face de todas as demais carências para tão rápido crescimento. Se conseguimos em algumas áreas, um progresso notável e, por motivos geográficos e edafológicos, um equilíbrio compatível no crescimento vertiginoso da população, no resto do país a situação é de atraso e penúria.

Essa confrangedora situação de uns 50% dos brasileiros é incontestável, e o intenso crescimento demográfico, nessas condições resulta em agravamento da sua triste situação, rebaixando o nível de vida ou compelindo a migrações forçadas, de inenarráveis sofrimentos.

A causa fundamental da inquietação mundial que aflige a humanidade numa tremenda guerra de nervos, reside nessa crescente onda humana e na elevação cultural das suas elites que, assimilando a cultura ocidental e conseqüentemente as suas técnicas, percebendo ou sentindo o desnível social e a vida miserável dos seus povos, começam a reivindicar espaços e riquezas naturais e ascensão no padrão de vida. Para tanto, entra-se no círculo vicioso da população japonesa, aquilo que Denesy chamou "a vertigem do número". É a pura e simples expansão pela invasão dos vizinhos pelas armas — dos vizinhos igualmente sob pressão demográfica — ou dos países distantes, de escassa densidade populacional. Para essa fase de expansão, de domínio, torna-se imperativo o estímulo à fertilidade, cujas leis do Estado passam a encorajá-la e a protegê-la por todos os meios. A superpopulação

concita naturalmente à expansão e esta necessita de soldados, de guerreiros para impor a sujeição. Só a derrota na Guerra Mundial talvez tenha conseguido modificar essa conduta agressiva do admirável povo japonês.

Outros países igualmente superpopulados preparam-se, já armados do muito que aprenderam com o Ocidente, com uma evolução industrial intensa, para reviver esses movimentos de agressividade. Não são os povos pobres e famintos que constituem perigo imediato, a gênese das tensões e das guerras. Uma população continuamente subalimentada, mal vestida e com habitações miseráveis nunca e saía nem educada, diz Chandrasekhar, "uma tal população jamais ganhará uma guerra, nem o seu clamor por mais terra com manifestação de força dará lugar a tensão internacional. Por mais numerosa que seja sua população, esses países são fracos". Mas, referindo-se ao espantoso crescimento das populações asiáticas, diz esse porta-voz da própria Ásia: "Não existindo mais Novos Mundos por descobrir ou colonizar, não é possível confiná-las (as populações) nos seus limites geográficos atuais, quando existem espaços vazios através do Mundo. A potencialidade destas populações nesta fase demográfica particular são tais que elas não devem respeitar o fato de que esses espaços vazios tenham donos, controladores ou proprietários".

E é esta Índia que mantém inúteis e inatacáveis 50 milhões de macacos e mais de 200 milhões de bois "famintos e sagrados"; cuja Constituição de 1950 proíbe o abate do gado; da qual Siegfried, que estudou *in loco*, diz: "Eis o único país do mundo no qual a religião é a preocupação essencial". E é esta Índia que deseja impor aos demais países que não sofrem da desgraça dos terríveis prejuízos culturais e da superpopulação os seus excedentes populacionais!

Não pode haver linguagem mais clara para traduzir o crescente po-

derio e arrogância dos grandes povos asiáticos do que esta, não mais de políticos demagogos e reformadores, mas de um sábio líder da demografia e das aspirações de seu povo, pretendendo repetir ante as Nações do Ocidente, o que vem de tentar fazer duas vezes a Alemanha Imperial de Guilherme II e a Alemanha Nazi de Hitler.

Não há porque buscar exemplos longínquos de pressão demográfica conduzindo à guerra, mas é interessante lembrar aqui este período de Reinhard: "Foi-se o tempo em que a Suécia podia desafiar a Europa, inquietar a França de Richelieu ou bater as tropas de Pedro, o Grande: falta-lhe a base demográfica. Os escandinavos se acomodaram com esta nova situação e, não podendo ser dominados, trataram de viver melhor e o maior tempo possível".

Pouco é possível esperar das medidas tomadas recentemente pela Índia ou mesmo pelo Japão, com o objetivo de frear a fertilidade dos seus filhos, dados as tradições, o meio cultural e especialmente religioso destes povos. A Índia se esforça entretanto atualmente para minorar os sofrimentos do seu povo por meio de uma política baseada em dois pontos: intenso desenvolvimento da agricultura e limitação da natalidade. O Japão, vendo-se na impossibilidade de invadir novos países e apesar da imensa ajuda dos Estados Unidos, estabelece uma forte política de limitação da natalidade. "No período de após-guerra, diz Irene Teauber, as políticas demográficas têm sido mais humanitárias, econômicas e políticas e não diretamente demográficas. Por uma das maiores ironias da sorte, o problema demográfico do Japão é conseqüente da política tendente a democratizá-lo e a integrá-lo numa economia internacional pacífica: realizou a taxa de crescimento desejada, mas nunca atingida pelo Japão expansionista e militarista".

O controle da natalidade não é uma medida facilmente aplicável

a qualquer população. São precisamente aqueles que se encontram sob maior pressão demográfica que oferecem maiores dificuldades para essa providência atenuadora dos seus sofrimentos. As populações asiáticas da Índia e da China, por motivos culturais e religiosos, desdenham o controle das dimensões da família que tanto as pouparia de tanto sofrimento e miséria e oferecem resistência à restrição do número de filhos. A proliferação inconseqüente prossegue agravando cada ano a extensão do mal, crescendo na Índia, por exemplo, 5 milhões de habitantes por ano. Entretanto, a solução que pretendem é tocar essa torrente humana para os países que ainda dispõem de espaço, como se isso fôsse possível ou minorasse os seus sofrimentos. "Em face desta situação sócio-econômico-demográfica geral, parece quase criminoso manterem certas terras de pouca população, não utilizadas por motivos políticos, raciais ou imperialistas. Onde se encontram estas terras e quais as suas possibilidades? E quais são os obstáculos para o seu próprio desenvolvimento e utilização? Essas terras são como já vimos a Austrália, o Brasil, o Canadá, a Argentina etc.". Não são colônias de nação imperialista, são países magníficos, grandes nações livres cujas populações em intenso crescimento apresentam-se entre as mais evolutivas do Mundo e gozam de largueza, mas que devem abrir suas portas à avalanche humana dos que se opõem a restringir a natalidade, com tôdas as conseqüências dêsse enxurro impossível de selecionar e acomodar!

Primeiro vivere, e a primeira condição para viver é nutrir-se, e os alimentos, como os demais bens de consumo, vêm da terra e é ela que, apesar de todos os artifícios da técnica, fornece as bases da vida e serve de denominador comum. Mas a terra é limitada e a capacidade de sustentar os seres vivos também o é; embora o grau de utilização possa elevar essa capaci-

dade, o espaço habitável é outra grandeza limitada, como provam as admiráveis populações dotadas, como a holandesa, que se vê constringida a emigrar. Não são apenas indianos e chineses que se vêem forçados a deixar os seus países, mas holandeses e japoneses, senhores das melhores técnicas. "Desde que um grupo humano continua a crescer sem restrição sobre uma área restrita de terra, temos que esperar dêle seguramente por fim, atirar-se sobre a garganta do outro pela posse da terra, achando um pretexto na honra nacional ou nos direitos postergados ou lançando-se à guerra sem qualquer pretexto".

Perdura, portanto, o conceito histórico que atravessa as idades e que se traduz nestas palavras de um célebre estrategista alemão, mentor de Guilherme II e Hitler: "As nações saudáveis e florescentes crescem em números. Num dado momento requerem uma expansão contínua das suas fronteiras: necessitam, demandam novos territórios para acomodar seus excessos de população. Desde que por tôda parte o Globo se encontra habitado, novos territórios devem ser obtidos à custa dos seus possuidores, o que quer dizer, por conquista, o que passa a ser a lei das necessidades".

O fato é que enquanto os homens de ciência, como J. Huxley, Robert Cook e tantos outros, mostram as terríveis conseqüências que advirão dêsse inconsiderado crescimento da população mundial, pedindo equilíbrio entre as populações e as possibilidades de seus territórios, a capacidade de alimentar, vestir e abrigar a sua gente, muitos povos dos mais sofridos continuam a aumentar, uns por imprevidência outros conscientemente, o seu número e as suas dificuldades e sofrimentos. Observa-se entretanto que várias dessas nações estão adquirindo a consciência da gravidade da situação. Pode-se ter uma idéia aproximada pelo seguinte quadro da FAO:

	1934/38	Produção Alimentar		Produção Agrícola		População	
		1946/47	1954/55	1946/47	1954/55	1946	1954
		Europa Ocidental ...	100	76	124	77	124
América do Norte ...	100	138	145	134	141	111	128
América Latina ...	100	115	139	111	135	122	147
Oceânia	100	92	116	95	120	108,5	132,5
Extremo Oriente ...	100	91	109	88	109	114	127
Oriente Próximo ...	100	103	138	102	138	112,5	130
África	100	107	142	108	145	115	130,5
Conjunto	100	103	129	101	127	112,5	127

Em relação à América Latina a produção alimentar com o mesmo índice 100 de 1938 foi de 115, em 1947 e de 139, em 1955; a produção agrícola foi de 111 em 46-47 e 135 em 54-55, mas a população já apresentava um crescimento de 122 em 46 e 147 em 54, ultrapassando, portanto, o crescimento demográfico não somente a produção agrícola, mas a própria produção alimentar.

Depois da Guerra Mundial, de 1945 a 1952, a população do mundo cresceu de 12%, enquanto a produção de alimentos cresceu de 9%, comenta Lord Boyd Or. Com mais detalhe vem a produção por habitante, na qual se verifica o contraste da América Latina com o mais rápido crescimento demográfico e o mínimo de produção agrícola alimentar, só comparável nesta produção de base, à Oceânia e ao Externo Oriente. Observa-se mesmo este paradoxo: enquanto a América Latina apresenta esse "deficit" na produção de alimentos, os Estados Unidos, na sua recente Lei Agrária incluí a criação do Banco de Solos, que tem por fim reduzir os enormes excedentes da produção agrícola, subvencionando os lavradores que não desejem semear certos terrenos que produziam os excedentes. "Esta reserva agrícola servirá para colocar a produção de algumas safras em equilíbrio com os

seus mercados", disse o Presidente Eisenhower ao assinar a lei que dotou de 100 milhões de dólares o Banco de Solos.

No que concerne ao consumo de alimentos, não é ainda encorajadora a situação da América Latina e especialmente do Brasil, cuja miséria alimentar de 50% da sua população constitui um gravíssimo problema nacional. Não é só a produção insuficiente de alimentos, mas ainda outros fatores concorrem para uma tal situação; assim, a crise econômica e financeira com todas as suas repercussões, principalmente a inflação monetária e a escassez de transportes, num país da extensão territorial do nosso. Enquanto um australiano dispõe de 3.300 calorias e 97 gramas de proteínas, das quais 65 de origem animal, um indiano dispõe de 1.600 calorias, 45 gramas de proteínas, apenas 6 das quais de origem animal, isto é, 10% do consumo australiano.

Não estão longe desta situação as populações subnutridas de imensas áreas de nosso país. Veja-se por exemplo as conclusões dos inquéritos alimentares, levados a efeito em quase todo o país e aquelas outras da Reunião Interamericana de Quitandinha (1952), que considera as populações do Brasil e do Chile como as mais subnutridas de toda a América. Walter Cardoso estudou 300 famí-

lias de Aracaju (1.407 pessoas), 100% das quais só dispunham de 3 alimentos: feijão, farinha de mandioca e açúcar; o arroz só fazia parte da ração de 80% dessas famílias. Não são melhores as conclusões do inquérito nutricional de Porto Novo, na fértil região do Estado de Minas, ou na cidade de Manaus. É o problema da fome um problema de pobreza, ou melhor, de educação e pobreza, binômio que está para ser resolvido em nosso país como em quase todos da América Latina. É possível que estejamos iniciando um novo caminho para a criação de riquezas, pela melhor utilização dos bens naturais, pela intensa industrialização de parte do país, mas impõe-se um desenvolvimento concomitante da agricultura, da pecuária e das indústrias rurais, sem o qual nenhum povo evolui. A produção abundante de subsistências, de bens de consumo, deve logicamente preceder e servir de base ao próprio desenvolvimento industrial. Dante Costa, num trabalho laureado, expõe com grande clareza essa situação.

Os propugnadores de uma ilimitada população, de um crescimento demográfico mais do que rápido e a qualquer preço, quase sempre dominados pela mística política que ora se rotula de fascismo, ora de comunismo, deveriam meditar nestas palavras recentes de um sábio alemão: "A atual densidade da população da Europa é a que mais se aproxima do limite que o seu solo pode manter, segundo as estimativas da antropografia. Vive no Ocidente da Europa tal quantidade de indivíduos que, se não houver importações, torna-se impossível que estes possam manter-se com os atuais métodos agrícolas. Tampouco a Ásia oferece possibilidades muito largas e há dúvida de que a densidade da China possa elevar-se com o sistema econômico europeu".

O esforço titânico do povo inglês para elevar a produção de alimentos na difícil conjuntura, durante a Guerra Mundial, tendo ao seu serviço todos os recursos

da ciência e da técnica, conseguiu 40% a mais, porém continuou a depender da importação em grande parte. A situação é admiravelmente resumida por Schwidetzky, nestes termos: "A reprodução diferenciada revestiu um caráter crítico para a convivência: uns se sentem ameaçados em sua integridade pela maré crescente dos seus vizinhos, enquanto outros, vendo em sua maior fecundidade o meio decisivo para alcançar poderio, desenvolvem ou fomentam esta nova arma e a empregam deliberadamente no conflito dos conjuntos étnicos". Não tem sido seguido o conselho da Liga Malthusiana, à Sociedade das Nações: "Que cada nação ao ingressar preste juramento de regular seus coeficientes de natalidade de tal modo que possa viver comodamente dentro dos seus próprios domínios".

Se todas as nações abrissem suas portas aos emigrantes chineses e todos os seus navios com atividades nos sete mares fossem empregados em transportar chineses, não teriam capacidade para transportar um número deles igual ao aumento anual da população desse país. O desequilíbrio entre a área, de um lado, e o número da população, do outro, conduzirão, cedo ou tarde a alguma solução violenta ou não violenta da parte dos que não têm recursos para mudar o *statu quo* no Pacífico e talvez nas Américas". Aqui é a fria análise de um inglês sobre o mesmo assunto: "A superpopulação desses países não constitui presentemente (1947) um problema internacional no sentido político ou ameaça militar; presentemente são problemas morais e econômicos. Mas desde que eles adquiriram mais consciência política e maior poder econômico e desenvolvimento industrial, poderão constituir num futuro próximos tais problemas de grande magnitude". A década que passou sobre este juízo, sobre esta previsão, vem demonstrar a segurança dos conceitos.

Seja como for, essas migrações para o Ocidente, pacíficas ou

forçadas, não podendo modificar de modo algum a situação difícilíssima desses países superpopulados, além do que, nenhum tráfego marítimo será capaz de, pela emigração, estabelecer o equilíbrio demográfico desejado. A migração embora tenha significação para as relações e o intercâmbio dos povos, "não representa mais do que um alívio temporário da superpopulação", já dizia Shiroshi Nasu há um quarto de século.

O fenômeno da superpopulação deixou de ser asiático para ter uma significação universal, mas o que o universaliza é menos o conhecimento, a presença dos seus números espantosos, do que a tendência ao nivelamento que se vai estabelecendo entre as multidões de todo o Mundo pela difusão da instrução, pelas conquistas do espírito, pela aquisição do *armamentorum* e das técnicas que davam lugar ao desequilíbrio entre o Oriente e o Ocidente.

A Rússia, a Índia e a China, cuja massas populacionais há meio século mal conheciam o alfabeto (a instrução era privilégio aristocrático), e viviam a rotina multi-secular, por uma dessas inexplicáveis mutações históricas conseqüentes a fatos imprevisíveis, tomaram novos rumos educacionais, puseram à parte o negativo das suas tradições culturais, combatendo a vida contemplativa, ideológica, religiosa e fatalista, e saltaram para o extremo oposto de um realismo ateu e sensato que a doutrina política pan-estatal evangeliza e impõe; e saltaram, no tempo, daquele estágio multi-secular para uma rápida evolução materialista que começa a impressionar o Mundo Ocidental, pela celeridade das conquistas nas ciências e nas técnicas.

Nenhum povo do mundo quer a guerra mas qualquer povo pode ser preparado psicológica e materialmente para esta desgraça por um dirigente ambicioso ou paranoide, como tem acontecido tantas vezes.

As pequenas nações do norte da Europa quantas vezes têm sido

taladas por invasões de exércitos vizinhos: A Bélgica foi invadida cinco vezes no correr de um século. Diremos então, como Roosevelt, ao iniciar um discurso aqui no Rio de Janeiro: "Nós odiamos a guerra". Entretanto ela pode vir contra a nossa vontade, como aconteceu em agosto de 1942, quando vieram atacar os nossos navios mercantes e os afundaram em águas territoriais brasileiras...

Que fazer então? A nação recebe uma agressão desse tipo como um de nós recebe uma doença grave — temos que lutar para não sucumbir — é instintivo e é o nosso dever e, para tanto precisamos manter em ordem a nossa defesa (mas nunca a agressividade), que não é da nossa índole.

Evidentemente, precisamos meditar no nosso intenso crescimento demográfico, não só no sentido das estatísticas vitais, mas principalmente nas responsabilidades que assumimos com as gerações vindouras no que respeita à continuidade cultural, como na imperativa elevação do nível sócio-econômico do nosso povo; na produção abundante de subsistências e nas inversões demográficas concomitantes e inadiáveis; (habitação, transportes, comunicações, educação, saúde pública, assistência social, seguridade etc.).

Dentro das taxas de crescimento atual da população, teremos em 1980, 100 milhões de brasileiros, avultando portanto, de um modo impressionante, as nossas responsabilidades.

A obra gloriosa das Nações Unidas, esclarecendo através de estudos e pesquisas, fornecendo dados para conhecimento da situação mundial, se não logrou ainda todos os seus objetivos, representa um roteiro para a solução dos problemas fundamentais da humanidade, entre os quais avulta sobre todos os demais, o da superpopulação e o da fome. "A liberdade desejada por todos os povos é um dos sublimes ideais da Carta das Nações Unidas. Atualmente 10 anos depois do nascimento dessa Organização, metade da espécie humana encontra-se passando fo-

me, vivendo em condições miseráveis e sob a ameaça muitos milhões mais, principalmente devido ao rápido crescimento”.

A nossa posição na geografia mundial, na geografia humana, dita-nos uma cautelosa conduta em face dessa conjuntura, já porque, dispondo de largas terras a povoar, devemos fazê-lo racionalmente, do melhor modo possível, já porque, com uma taxa de crescimento demográfico de 2,5 por

mil (1.500.000 anualmente), temos uma enorme responsabilidade perante as gerações vindouras e devemos precatar-nos contra as pretensas expansões político-demográficas de certos povos prolíferos, para não virmos a atingir de futuro a desgraçada condição dos mesmos. Precisamos deixar de pensar na razão de anos para fazê-lo na razão de decênios e de séculos. Assim fazem os grandes povos.

SERVIÇO COMPLETO DE ADMINISTRAÇÃO

**Locação - Cobrança e
revisão de aluguéis**

**Pagamento de impostos,
prestações hipotecárias,
despesas de condomínio, etc.**

Assistência Jurídica

Taxa de 3%



Kaic



KOSMOS ADMINISTRAÇÃO IND. COM. S. A.
Rua do Carmo, 27 - 6.º and. Tel. 22-1860